A PERVERSIDADE DA GLOBALIZAÇÃO E AS NOVAS MORFOLOGIAS DO TRABALHO: PRECARIZAÇÃO, GÊNERO, RAÇA E RESISTÊNCIAS ENTRE ENTREGADORAS POR APLICATIVO

Maria Soledade Soares Cruzes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2850-2905
Endereço eletrônico: maria.soledade@uesb.edu.br

Givanei Lima Dias Júnior
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil,
ORCID: https://orcid.org/0009-0007-7866-3655
Endereço eletrônico: junior.lima.dias@outlook.com

Lavínia Thereza Neves Silva Lima
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil,
ORCID: https://orcid.org/0009-0001-9673-1726
Endereço eletrônico: advlavinialima@gmail.com

Palavras-chave: perversidade da globalização; plataformização; precarização laboral; gênero; resistência.

INTRODUÇÃO

As profundas transformações econômicas, políticas, tecnológicas e sociais observadas nas primeiras décadas do século XXI evidenciam a centralidade do fenômeno da globalização na organização da sociedade contemporânea. Nesse contexto, o pensamento de Milton Santos mostra-se particularmente atual, sobretudo no ano em que se celebra o centenário de seu nascimento. Em “Por uma Outra Globalização” (2021), o autor problematiza a narrativa hegemônica que apresenta a globalização como um processo inevitável de progresso e integração mundial, evidenciando que a sua materialização ocorre sob a lógica do capitalismo neoliberal, marcada pela concentração de riqueza, ampliação das desigualdades e fragilização das condições de vida da maioria da população.

Esse fenômeno, denominado por Santos (2021) de "globalização perversa", manifesta-se de forma expressiva nas relações laborais contemporâneas por meio das plataformas digitais e das formas de organização do trabalho. Conforme Antunes (2018), a reestruturação produtiva do capitalismo engendra novas morfologias laborais marcadas pela flexibilização dos vínculos, pela transferência dos riscos e custos de manutenção aos próprios trabalhadores e pela intensificação da precarização. Sob o discurso da autonomia e do empreendedorismo, a uberização consolida o que o autor denomina de "escravidão digital", modalidade em que o capital se apropria do mais-valor produzido enquanto enfraquece direitos historicamente conquistados pela classe trabalhadora.

Embora esses processos atinjam amplos segmentos sociais, os seus impactos não se distribuem de maneira homogênea. Nesse cenário, as desigualdades de gênero e raça são reproduzidas e intensificadas, alcançando especialmente as entregadoras por aplicativo, em particular mulheres negras, que, segundo Santos (2025), enfrentam simultaneamente a precarização laboral e os efeitos da divisão sexual e racial do trabalho, expressos na insegurança, no assédio, nos desafios da maternidade e na ausência de proteção social. Paralelamente, observa-se a emergência de iniciativas de mobilização coletiva que buscam enfrentar tais condições e reivindicar direitos.

Diante desse contexto, questiona-se: de que maneira a plataformização do trabalho pode ser associada à perversidade da globalização contemporânea e à precarização, atravessada por gênero e raça entre mulheres entregadoras por aplicativo, suscitando estratégias de resistência coletiva?

O objetivo geral consiste em analisar as relações entre globalização, capitalismo de plataforma, gênero e raça a partir da experiência das mulheres entregadoras por aplicativo, evidenciando processos de precarização e formas de resistência construídas por essas trabalhadoras. Como objetivos específicos, pretende-se: investigar de que forma a expansão das plataformas digitais se relaciona às transformações contemporâneas do mundo do trabalho e à ideia e perversidade da globalização; avaliar as condições de trabalho vivenciadas pelas mulheres entregadoras por aplicativo, vislumbrando desigualdades de gênero e raça presentes nesse segmento laboral; analisar iniciativas de mobilização e organização coletiva desenvolvidas pelas trabalhadoras como resposta às condições de precarização.

À vista disso, a pesquisa justifica-se pela relevância de compreender como as

transformações associadas à globalização e à expansão das plataformas digitais têm reconfigurado as relações de trabalho e aprofundado desigualdades historicamente constituídas, evidenciando, ao mesmo tempo, a atualidade do pensamento de Milton Santos para a interpretação dessas dinâmicas. Ao enfatizar a experiência das mulheres entregadoras por aplicativo, a análise amplia o debate sobre as múltiplas dimensões da precarização laboral no capitalismo de plataforma e sobre as formas de resistência construídas diante da fragilização de direitos, mostrando-se especialmente oportuna em razão do julgamento, em curso no Supremo Tribunal Federal, acerca do reconhecimento do vínculo empregatício entre trabalhadores e plataformas digitais.

METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa e exploratória (Minayo, 2014), baseada em revisão bibliográfica e análise de dados secundários, constituídos por relatórios, levantamentos e estudos produzidos, no contexto brasileiro, por centros de pesquisa e coletivos de trabalhadores, com recorte temporal correspondente ao ano de 2025. Para isso, articula a literatura especializada às informações analisadas, à luz das relações entre capitalismo, novas morfologias do trabalho, gênero, raça e mobilização social, a partir das experiências das mulheres entregadoras por aplicativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A baixa presença de mulheres entregadoras por aplicativo é evidenciada pelos dados do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento: em 2024, elas representavam apenas 2% do total. Essa sub-representação resulta de um cenário marcado por violência de gênero, assédio e ausência de infraestrutura urbana adequada às especificidades femininas, como pontos de apoio e banheiros limpos (Callil; Picanço, 2025).

A superação desses entraves, entretanto, esbarra em uma barreira política: com composição majoritariamente masculina, as pautas de mobilização coletiva tendem a refletir experiências e prioridades de homens. Desse modo, a participação das mulheres em mobilizações, como carreatas, é ainda limitada pelas tarefas de cuidado doméstico (Pereira; Arribas; Cardoso, 2022), o que fragiliza sua organização e reduz a pressão por medidas

capazes de enfrentar a precarização que lhes é imposta.

Essa precarização assume contornos ainda mais agudos quando atravessada por gênero e raça. Além das vulnerabilidades comuns a todos os entregadores, tais quais renda volátil, ausência de direitos e transferência de custos, as mulheres negras enfrentam camadas adicionais de exploração, com maior exposição ao assédio sexual, à violência nas ruas e à discriminação velada nas avaliações algorítmicas. Acrescentam-se a isso a sobrerrepresentação nas modalidades mais desgastantes, como entregas de bicicleta, restrições de mobilidade por segurança e a dupla jornada que articula trabalho remunerado e cuidado doméstico, perpetuando um ciclo de redução de oportunidades e rendimentos (Santos, 2025).

Diante desse quadro, estratégias de resistência têm sido erguidas pelas próprias trabalhadoras. O coletivo Minas no Trecho, criado por Jéssica Magalhães em Belo Horizonte, surgiu da indiferença dos *motoboys* nas discussões de categoria e transformou-se em espaço de compartilhamento de informações, pontos de apoio seguros e cuidado com a saúde íntima (Diamante, 2025). Em São Luís do Maranhão, entregadoras negras constroem redes de apoio mútuo para partilhar informações sobre segurança, rotas e enfrentamento do assédio, evidência de capacidade organizativa mesmo diante da dispersão ocupacional (Santos, 2025).

CONCLUSÕES

A análise empreendida confirma que a plataformização do trabalho aprofunda desigualdades preexistentes e as reorganiza sob novas formas de controle e exploração. Para as mulheres negras entregadoras, a globalização perversa identificada por Santos (2021) se manifesta, para além da instabilidade de renda ou da ausência de direitos, na sobreposição de opressões que o capitalismo de plataforma intensifica sem reconhecer. O que Antunes (2018) nomeia como “escravidão digital” assume, nesse grupo, a sua face mais aguda, de uma exploração que opera simultaneamente pelo algoritmo, pelo gênero e pela raça.

Não obstante, as estratégias de resistência coletiva construídas por essas trabalhadoras revelam que a precarização não suprime a capacidade de organização e luta. A existência de redes de solidariedade, coletivos e espaços de apoio mútuo aponta para a possibilidade concreta de uma outra globalização, nos termos miltonianos, fundada na consciência e na ação das que mais suportam o peso da ordem vigente.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão:** o novo proletariado de serviços na era digital. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

CALLIL, Victor; PICANÇO, Monise. **Mobilidade urbana e logística de entregas:** um panorama sobre o trabalho de motoristas e entregadores com aplicativos. 1. ed. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap); AMOBITEC, 2025. ISBN 978-65-86362-40-4. Disponível em: <https://cebrap.org.br/pesquisas/mobilidade-urbana-e-logistica-de-entregas-um-panorama-sobre-o-trabalho-de-motoristas-e-entregadores-com-aplicativos-caderno-quantitativo/>. Acesso em: 6 abr. 2025.

DIAMANTE, Bárbara. "Quem são e o que querem as lideranças femininas dos movimentos de entregadores por app". **Brasil de Direitos**. Data da publicação: 6 nov. 2025. Disponível em: <https://www.brasildedireitos.org.br/atualidades/quem-sao-e-o-que-querem-as-liderancas-femininas-dos-movimentos-de-entregadores-por-app>. Acesso em 13 jun. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

PEREIRA, Maria Júlia T.; ARRIBAS, Célia; CARDOSO, Ana Claudia M. **Plataformização do trabalho e empoderamento feminino: descompassos entre discursos e práticas**. Revista Ciências do Trabalho, n. 21, p. 1-12, abr. 2022. Disponível em: <https://rct.dieese.org.br/index.php/rct/article/download/293/pdf/904>. Acesso em 13 jun. 2026.

SANTOS, Asmynne Bárbara Barbosa dos. **Mulheres negras e as intransigências do trabalho em plataformas digitais:** uma análise das entregadoras de aplicativo de alimentação. 2025. 148 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/24361>. Acesso em: 4 jun. 2026.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 32. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2021.